

É vendido
6 cop.

4.3

**O IMPERIALISMO E
A CRISE DA ECONOMIA MUNDIAL**

Leon Trotsky


Sundeermann
São Paulo, 2008

©2008, Editora Instituto José Luis e Rosa Sundermann
A editora autoriza a reprodução de partes deste livro para fins acadêmicos e/ou de divulgação eletrônica, desde que mencionada a fonte.

Responsabilidade editorial: João Ricardo Soares

Produção editorial: Luiz Gustavo Soares

Tradução: Roberto Barros

Capa: Victor Alves Pontes

Projeto gráfico: Patrícia Mafra

Revisão: Diego Siqueira

Revisão final: Jorge Porfírio

Dados internacionais de catalogação (CIP) elaborados na fonte por
Iraci Borges – CRB-8 - 2263

Trotsky, Leon.
O imperialismo e a crise da economia mundial. Trad. por Roberto
Barros. São Paulo: Editora Instituto José Luis e Rosa Sundermann,
2008.
192p.

ISBN: 978-85-99156-36-0

1. Imperialismo 2. Crise econômica 3. Comunismo. 4. Luta de
classes. I. Título.

CDD: 327.2.



Editora Instituto José Luis e Rosa Sundermann

Rua Matias Aires, 78 • 01309-020 • Consolação • São Paulo • Brasil
+55 - 11 3253 5801 (tel)
vendas@editorasundermann.com.br • www.editorasundermann.com.br

A CURVA DO
DESENVOLVIMENTO CAPITALISTA

Em sua introdução à obra de Marx, *As Lutas de Classes em França: 1848 a 1850*, Engels escreveu:

Ao analisar acontecimentos, e séries de acontecimentos, à luz da história contemporânea, nunca nos será possível recuar até as causas econômicas em última instância. Seguer hoje em dia, quando a respectiva imprensa especializada fornece material tão abundante, ser-nos-ia possível – inclusive na Inglaterra – acompanhar o curso da indústria e do comércio no mercado mundial, bem como as mudanças que dia-a-dia se introduzem nos métodos de produção de modo a possibilitar, em qualquer momento, um balanço geral destes fatores – multifacetados, imbricados e em constante mudança –, entre os quais os de maior importância atuam durante muito tempo, na maioria das vezes, em terreno desconhecido antes que, de repente, irrompam forçosamente à tona. Uma clara visão de conjunto sobre a história econômica de um dado período nunca lhe é simultânea, só é obtida posteriormente, depois de já realizadas a coleta e a análise do respectivo material. A estatística é aqui um meio auxiliar necessário, e segue sempre por trás, capengando na retaguarda. Não que diz

respeito à história contemporânea, seremos, portanto, muitas vezes obrigados a tratar esse fator, o mais decisivo de todos, como uma constante – a situação econômica do começo do período em causa como algo fixo e inmutável para todo este período –, ou, então, a levar em consideração somente aquelas transformações dessa situação que derivam dos próprios acontecimentos, claramente patentes e que, portanto, se manifestam com igual clareza à luz do dia. Por tal motivo, o método materialista terá que, no mais das vezes, limitar-se a deduzir conflitos políticos das lutas de interesses entre classes e frações de classes sociais presentes, dadas pelo desenvolvimento econômico, e a demonstrar que cada um dos partidos políticos é a expressão política – mais ou menos adequada – dessas mesmas classes ou frações de classes. Evidentemente, este inevitável descuido para com as transformações cotidianas da situação econômica – verdadeira base de todos os processos em questão – constituir-se-á, necessariamente, uma fonte de erros.¹

Estas idéias que Engels expressou pouco antes de sua morte não foram desenvolvidas por ninguém depois dele. Se não me falha a memória, elas raramente são citadas – bem mais raramente do que deveriam ser. Tanto mais quando seu significado parece ter escapado a muitos marxistas. A explicação para este fato deve encontrar-se nas causas indicadas por Engels, o qual combatia qualquer tipo de interpretação econômica pronta e acabada de nossa história contemporânea.

É uma tarefa muito difícil, impossível de ser resolvida em seu pleno desenvolvimento, a determinação daqueles impulsos subterrâneos que a economia transmite à política do dia-a-dia; e ainda assim, a explicação dos fenômenos políticos não pode ser postergada, pois a luta não permite esperar. Daí surge a necessidade de recorrer, na atividade política cotidiana, a explicações tão genéricas que, através de um uso prolongado, parecem transformar-se em verdades.

Enquanto a política seguir fluindo dentro de uma mesma forma, através do mesmo dique, e a um ritmo semelhante, por exemplo, enquanto a acumulação de quantidade econômica não se converter em

mudança de qualidade política, este tipo de recursos explicativos (“os interesses da burguesia”, “o imperialismo”, “o fascismo”) ainda serviria, mais ou menos, à sua tarefa: não para interpretar um fato político em toda sua profundidade, mas para reduzi-lo a um tipo familiar, seguramente, de inestimável importância.

Mas quando ocorre uma mudança séria na situação, ou mesmo um deslocamento brusco, tais explicações gerais revelam sua total insuficiência, e aparecem totalmente transformadas em verdades vazias. Em tais cursos resulta invariavelmente necessário um estudo muito mais profundo e analítico para determinar o aspecto qualitativo, e, se possível, a medição quantitativa dos impulsos da economia sobre a política. Estes “impulsos” representam de forma dialética as “tarefas” que se originam em sua base dinâmica e são então transmitidas em busca de soluções para a esfera da superestrutura.

Já as oscilações da conjuntura econômica (auge-depressão-crise) conformam as causas e efeitos dos impulsos periódicos que dão origem a mudanças, ora quantitativas, ora qualitativas, e a novas formações no campo político. As rendas das classes proprietárias, o orçamento do Estado, os salários, o desemprego, a magnitude do comércio exterior etc., estão intimamente ligados à conjuntura econômica, e por sua vez, exercem a mais direta influência sobre a política. Isto só é suficiente para entender quão importante e frutífero é seguir passo a passo a história dos partidos políticos, as instituições estatais etc., em relação com os ciclos do desenvolvimento capitalista. Mas nós não podemos dizer que estes ciclos *explicam tudo: isso se encontra excluído de consideração pela singela razão de que os próprios ciclos não são fenômenos econômicos fundamentais, e sim derivados*. Isso é, apresentam-se sobre a base do desenvolvimento das forças produtivas através do mecanismo das relações de mercado. Mas os ciclos explicam uma boa parte, formando, como o fazem através das pulsões automáticas, uma indispensável mola dialética na mecânica da sociedade capitalista.

Os pontos de ruptura da conjuntura comercial e industrial levam-nos a um contato bem mais íntimo com os nós críticos no tecido do desenvolvimento das tendências políticas, da legislação, e de todas as formas de ideologia.

Mas o capitalismo não se caracteriza apenas pela periódica recorrência dos ciclos, de outra maneira a história seria uma repetição intrinca-

¹ O famoso “Prefácio” de Engels a Marx, pivô de controvérsias, ficou conhecido como o seu “Testamento Político”, e assim foi divulgado pela direção majoritária do partido social-democrata alemão.

e não um desenvolvimento dinâmico. Os ciclos comerciais e industriais são de caráter diferente em diferentes períodos. A principal diferença está determinada pelas inter-relações quantitativas entre o período de crise e o de auge de cada ciclo considerado. Se o auge restaura com um excedente a destruição ou a austeridade do período precedente, então o desenvolvimento capitalista está em ascensão. Se a crise, que significa destruição, ou, em todo caso, contração das forças produtivas, ultrapassa em intensidade o auge correspondente, então obtemos como resultado uma contração da economia.

Finalmente, se a crise e o auge aproximam-se entre si em magnitude, obtemos um equilíbrio temporário – uma estagnação – da economia. Este é, fundamentalmente, o esquema.

Observamos à luz da história que os ciclos homogêneos estão agrupados em séries. Épocas inteiras de desenvolvimento capitalista existem quando determinado número de ciclos se caracteriza por auges delimitados de modo agudo e crises frágeis e de curta vida. Como resultado, temos um agudo movimento ascendente da curva básica do desenvolvimento capitalista. Temos épocas de estagnação quando esta curva, ainda que passando por oscilações cíclicas parciais, permanece aproximadamente no mesmo nível durante décadas. E, finalmente, durante certos períodos históricos, a curva básica, ainda que passando como sempre através de oscilações cíclicas, se inclina para baixo em seu conjunto, assinalando o declínio das forças produtivas.

É agora possível postular *a priori* que as épocas de entérico desenvolvimento capitalista devem possuir formas – em política, em leis, em filosofia, em poesia – que diferem agudamente daquelas que correspondem à época de estagnação ou declínio econômicos. Mais ainda, uma transição de uma época deste tipo a outra diferente deve produzir necessariamente grandes convulsões nas relações entre classes e entre Estados. No Terceiro Congresso Mundial da Comintern nós insistimos sobre este ponto na luta contra a concepção puramente mecanicista da atual desintegração capitalista. Se a substituição periódica de auges “normais” por crises “normais” encontra sua projeção em todas as esferas da vida social, então uma transição de uma época inteira de ascensão a outra de declínio, ou vice-versa, engendra os maiores distúrbios históricos, e não é difícil demonstrar que em muitos casos as revoluções e guerras se espraiam entre a linha de demarcação de duas épocas diferentes de desenvolvimento econômico, por exemplo, a união de dois segmentos

diferentes da curva capitalista. Analisar toda a história moderna deste ponto de vista é realmente uma das tarefas mais gratificantes do materialismo dialético. Após o Terceiro Congresso Mundial, o professor Kondratiev aproximou-se deste problema – como sempre, evadindo-se cuidadosamente da formulação da questão adotada pelo próprio congresso – tentando agregar ao “ciclo menor”, cobrindo um período de dez anos, o conceito de um “ciclo maior”, abarcando aproximadamente cinquenta anos. De acordo com esta construção sincreticamente estilizada, um ciclo econômico maior compreende uns cinco ciclos menores, e, além do mais, a metade deles tem o caráter ascendente, enquanto a outra metade é composta de crises, com todas as etapas necessárias de transição. A determinação estatística dos ciclos maiores compilada por Kondratiev deverá se submeter a uma cuidadosa e não crédula verificação, tanto em relação aos países individualmente como ao mercado mundial como um todo. Já é possível refutar de antemão a tentativa do professor Kondratiev de pesquisar as épocas rotuladas por ele como ciclos maiores com o mesmo “ritmo rigidamente legítimo” que é observável nos ciclos menores; isto é obviamente uma falsa generalização de uma analogia formal. A recorrência periódica de ciclos menores encontra-se condicionada pela dinâmica interna das forças capitalistas, e manifesta-se por si mesma sempre e em todas partes desde que o mercado veio à luz.

No que se refere às fases longas (de cinquenta anos) da tendência da evolução capitalista, para as quais o professor Kondratiev sugere, infundadamente, o uso do termo “ciclos”, devemos destacar que seu caráter e duração estão determinados não pela dinâmica interna da economia capitalista, mas pelas condições externas que constituem a estrutura da evolução capitalista. A aquisição de novos países e continentes para o capitalismo, a descoberta de novos recursos naturais e, em relação a estes, fatos maiores de ordem “superestrutural” tais como guerras e revoluções, determinam o caráter e a substituição das épocas ascendentes estagnadas ou declinantes do desenvolvimento capitalista. Ao largo de quais trilhas deveria encaminhar-se a pesquisa? Nosso principal objetivo tem de ser estabelecer a curva da evolução capitalista, incorporando seus elementos não-periódicos (tendências básicas) e periódicos (recorrentes). Temos que fazer isto para os países que nos interessam e para o conjunto da economia mundial. Uma vez que fixemos a curva (o método de fixar é sem dúvida uma questão especial por si mesma, e de modo nenhum simples, que pertence ao campo da técnica da estatística econô-

mica) podemos dividi-la em períodos, dependentes do ângulo de ascensão ou declínio em relação ao eixo das abscissas. Por este meio obtemos um quadro do desenvolvimento econômico, ou seja, a caracterização da "verdadeira base de todos os processos em questão" (Engels).

De acordo com a concretude ou os detalhes de nossa pesquisa, podemos precisar uma certa quantidade de tais esquemas; uma relativa à agricultura, outra à indústria pesada etc. Com este esquema como ponto de partida, devemos sincronizá-los depois com os acontecimentos políticos (no mais amplo sentido do termo), e então podemos buscar não só sua correspondência, ou, para o dizer mais cautelosamente, a inter-relação entre os períodos definitivamente delineados da vida social e os segmentos da curva do desenvolvimento capitalista expressos de modo agudo, mas também aqueles impulsos subterrâneos diretos que unem os acontecimentos. Ao longo deste caminho, naturalmente, não é difícil cair na mais vulgar esquematização; e, sobretudo, ignorar a tenacidade, os condicionantes internos e o evoluir dos processos ideológicos, e chegar a esquecer que a economia só é decisiva em última instância. Há conclusões caricatas de sobre esboçadas a partir do método marxista! Mas renunciar por esta razão à formulação da questão indicada acima ("seu cheiro de economicismo") é demonstrar uma completa incapacidade para entender a essência do marxismo, que busca as causas das mudanças da superestrutura social nas mudanças de fundamento econômico, e em nenhuma outra parte.

O paralelismo entre os acontecimentos políticos e as mudanças econômicas é sem dúvida muito relativo. Como regra geral, a "superestrutura" registra e reflete novas formações na esfera econômica só após um considerável atraso. Mas esta lei deve apoiar-se numa pesquisa concreta daquelas complexas inter-relações.

Em nosso relatório ao Terceiro Congresso Mundial ilustramos esta idéia com certos exemplos históricos extraídos da época das revoluções de 1848, da época da primeira revolução russa (1905) e do período que atravessamos (1920-1921).

Remetemos o leitor a estes exemplos? Eles não proporcionam nada finalizado, mas caracterizam de forma suficientemente adequada a extraordinária importância da visão avançada por nós – sobretudo, para

2 Leon Trotsky, *El nuevo curso*, Cuadernos de Passado e Presente, n. 27, Córdoba, 1971.

entender os saltos mais críticos na história: as guerras e revoluções. Mas nenhuma tentativa deste tipo pode assemelhar-se a uma antecipação descuidada daqueles resultados que fluem de uma completa e dolorosa pesquisa que ainda não se realizou.

Na verdade ainda é impossível prever até que grau e quais seções do campo da história serão iluminadas, nem quanta luz será lançada por uma pesquisa materialista que se dedique a um estudo mais concreto da curva capitalista e da inter-relação entre todos os aspectos da vida social e sua última instância. As conquistas que podem ser obtidas por este caminho serão determinadas pelo resultado da própria pesquisa, a qual deve ser mais sistemática, mais ordenada, que aquelas excursões histórico-materialistas empreendidas até agora. De todo modo, uma tal abordagem para com a história moderna poderá enriquecer a teoria do materialismo histórico com conquistas bem mais preciosas que os extremamente duvidosos malabarismos especulativos com conceitos e termos do método materialista que, sob a pena de alguns de nossos marxistas, transplantaram o método formalista ao domínio do materialismo dialético; o que os levou a reduzir a tarefa de elaboração de categorias e definições precisas e a dividir vazias abstrações em quatro partes igualmente vazias; em resumo, adulteraram o marxismo com as maneiras elegantemente indecentes dos epígonos de Kant. Na verdade é uma tolice afiar e voltar a afiar sem fim um instrumento, picar o aço marxista, quando a tarefa é aplicar o instrumento para trabalhar sobre a matéria-prima.

Em nossa opinião, este tema pode fornecer material para os mais frutíferos trabalhos de nossos seminários marxistas sobre o materialismo histórico. As pesquisas independentes empreendidas nesta esfera lançariam indubitavelmente nova luz, ou ao menos mais luz, sobre acontecimentos históricos isolados e, ainda, sobre épocas inteiras. Finalmente, o mero hábito de pensar em termos das categorias propostas facilitaria enormemente a orientação política na presente época, que hoje revela mais abertamente que nunca a conexão entre a economia capitalista – que chegou ao auge de sua saturação – com a política capitalista, que se tornou completamente desenfreada.